

Alegria do Carnaval



The page features vibrant, colorful geometric patterns on the left and right sides. These patterns consist of various shapes like triangles, circles, and lines in shades of blue, red, yellow, and green, creating a festive and dynamic border. The central area is white, providing a clean background for the title and author information.

Alegria do Carnaval

Ennio Moretti e Raffael Faleiros
1ª Edição

Projeto Cultural Parque da Alegria

Brasília, 2017



Ficha Técnica

Projeto: Parque da Alegria

Processo nº: 150.000.072/2017

Título: Alegria do Carnaval/1ª Edição, 05 de março de 2017

Autores: Moretti, Ennio e Faleiros, Rafael

Ilustrador: Rodrigo Mafra

Coordenação Editorial: Moema Gomes de Faria

Revisão Ortográfica: Editorar Multimídia

Projeto Gráfico: Editorar Multimídia

Financiamento: Lei de Incentivo à Cultura,
Secretaria de Cultura e Governo de Brasília



Sumário

<i>Meu nome é Carnaval!</i>	<i>4</i>
<i>Soem os Tambores, eu sou o Maracatu</i>	<i>8</i>
<i>Lá vem o Frevo!.....</i>	<i>12</i>
<i>Eu sou o samba!</i>	<i>14</i>
<i>Chiquinha Gonzaga e as marchinhas</i>	<i>18</i>
<i>Donga e o samba</i>	<i>22</i>
<i>O Carnaval Carioca e o Samba, uma combinação que deu certo</i>	<i>26</i>
<i>Mas e Brasília?</i>	<i>30</i>

Meu
nome é
Carnaval!



“Lá vem a onda, lá vem a onda, chuê, chuê, chuá (...)”... Eita! Olá! Você por aqui? Me pegou distraído ouvindo umas marchinhas de carnaval. Er... Aliás, deixa eu me apresentar. Meu nome é Carnaval. Nome bonito, não? Eu só sei que toda vez que falam meu nome sorrisos se abrem por toda a parte, instrumentos musicais gritam notas de samba, ansiosos pela minha chegada e fantasias grudam no corpo de mil homens e mulheres com os pés coçando para dançar.


Hoje eu faço parte da família brasileira, fico conversando com o velhinho lá do morro e com o jovem rico do Leblon. Jogo vôlei nas praias de Recife, bebo chimarrão com o seu Almir lá em Florianópolis e vou em um sambinha debaixo dos blocos de Brasília. Mas não foi aqui que eu nasci, querido leitor. Minhas origens são gregas, um lugar de muita cultura e onde a fé daquele povo nos seus deuses me fez nascer forte e único.

Veja bem, naquela época, a desigualdade entre as pessoas já era enorme. Havia escravos suando a camisa para continuarem sustentando suas famílias. Meu nascimento fez tudo cair por água abaixo. No dia em que resolveram comemorar o dia do Deus da Festividade, Dionísio, eu nasci. As coroas da cabeça dos reis viraram fantasia para os pobres, assim como suas camisas rasgadas e sujas vestiam os nobres e homens e mulheres se confundiam em risadas e danças, era só alegria!

No entanto, leitor, alguns poderosos não ficaram felizes com isso, pois achavam que tirava a seriedade da ordem social, e isso os chateou. Eu acabei sendo banido por um tempo, mas sempre saía escondido para conversar com meus novos amigos gregos e festejar mais um pouquinho. Enfim, continuei crescendo e me alimentando. A Grécia me deu várias comidas, bebidas, danças, músicas e fantasias que me ajudaram a continuar saudável até os dias de hoje.

Cheguei no Brasil por causa dos portugueses que trouxeram uma versão chique e toda requintada inspirada nos carnavais da França e de Veneza. Mas a diferença era enorme. O carnaval português era só feito pela elite: bailes de máscaras, teatros, festas em grandes salões, todos eram fechados só para o pessoal que conseguia carregar pesadas moedas de ouro em pequenos bolsos de veludo.





– Carnaval, então, como você voltou a aparecer para o grande público brasileiro? Deixa eu te contar uma história, querido leitor. Na minha adolescência, no período medieval, em que reis, rainhas, cavaleiros e princesas cantarolavam e rodopiavam pela Europa, lá estava eu arrancando gargalhadas e danças de todos. Contudo, me chamavam de Festa dos Loucos naquela época e mais uma vez eu ajudava todo mundo a esquecer dos seus problemas, das suas obrigações religiosas, econômicas e cotidianas (uma observação: meus amigos Bufões, que eram um grupo de homens muito engraçados que se fantasiavam mais comicamente ainda para trazer alegria a todos, me ajudaram muito nessas festas).

Estava indo tudo bem, tudo muito divertido até que a aristocracia decidiu que queria se divertir também e, conseqüentemente, em países como França e Itália, eu passei a ser visto não mais como um amigo para conversar e unir todos em uma bela festa, mas como um espetáculo requintado e distante das pessoas (foi aí que o meu tédio com baile de máscaras e teatros começou a surgir).

Voltando ao Brasil, esse era o triste cenário: aristocracia com seus bailes requintados, seus teatros e eu sendo visto como uma obra artística distante, não como amigo da festa. Assim, o tempo foi passando e, um dia, os escravos decidiram me resgatar e criaram o Entrudo, uma forma quase idêntica à da Festa dos Loucos e lá estava eu me socializando com todos de novo! Mas nem tudo era um mar de flores, eu ainda tive que dividir espaço com a elite e os escravos e o pior é que os nobres não gostaram do Entrudo pelo mesmo motivo de bagunçar a ordem e os bons costumes de tempos atrás e começaram a reprimir tudo com violência e castigos para os coitados dos escravos.

Em 1855, eu consegui juntar o melhor dos dois mundos, ou seja, o Entrudo e o Carnaval da Elite, e convencer os aristocratas a levarem a sua festa para as ruas, com o objetivo de trazê-la mais para perto do povo. Porém, o Entrudo continuava separado do Carnaval. No início do século XX, as pessoas ricas resolveram criar as Grandes Sociedades, que eram desfiles grandiosos da elite, que arrastavam escritores, jornalistas e artistas, e, como resposta, o povo criou os blocos do Zé-Pereira, que eram bem mais barulhentos e divertidos e todos gostavam de participar.

Por fim, querido leitor, minha história é muito longa e este foi apenas um pedacinho dela para você, como todo bom avô que gosta de contar suas histórias. Agora vou deixar o resto dela para alguns dos meus filhos (*que você vai ver que são bem legais*) contarem porque tenho que me preparar para alegrar esse lindo povo brasileiro mais uma vez. Abraços e bom Carnaval!

Rafael Falleiros



Soem os
Tambores,
eu sou o
Maracatu!



O Brasil é um país imenso, cheio de influências de outros lugares, de Norte a Sul. E da mistura África e Brasil eu nasci. Prazer, eu sou o Maracatu! Já trago no nome o ritmo dos tambores, que com ganzá, gonguê e zabumba faz os meus seguidores entoarem cantos com todos seus amores. A minha história começa lá em Pernambuco, no período colonial, onde a escravidão ainda existia e a religião cristã era a principal. Os africanos escravizados e os índios tinham suas próprias religiões, mas mesmo assim os portugueses queriam introduzir neles suas tradições. Ainda assim os africanos conseguiam manter suas tradições e festividades, e uma delas era o auto de Coroação do Rei do Congo, a Congada. Apesar de apresentar valores tribais de Angola e do Congo, coisa que o português não gostava, ela era autorizada. Era uma festividade com danças, cantos e belas fantasias. O Rei do Congo e a Rainha Ginga de Angola eram os que se casavam nesta linda festa, e eram as peças principais de toda essa alegoria, que buscava representar toda a beleza e os membros de um castelo: rei, rainha, duques, condes e até os servos. Para que fosse permitida pelas autoridades, as entidades africanas deveriam ser identificadas como santos do catolicismo. A encenação terminava na frente da Igreja do Rosário, com alegria e muitos sorrisos.

Quando a escravidão foi abolida, eu ganhei caráter mais festivo, e era celebrado alegremente durante o carnaval. Não perdi a pegada religiosa, mas os santos católicos saíram de cena e os deuses africanos tomaram o papel principal, olha que sensacional! O movimento em volta de mim se tornou tão forte que grupos se reuniam além das festividades para debater temas mais gerais, inclusive aqueles que iam além da alegria dos carnavais. A rainha coroada era venerada o ano inteiro pelos membros desses grupos, que vieram a se denominar e se dividir em Nações, que tinham seus ideais, estandartes e foliões. Todo ano no carnaval disputavam para saber quais grupos saíam como campeões. Independentemente do resultado, o ritmo pegado, as fantasias coloridas, os cantos entoados e a multidão nas avenidas já serviam para trazer sorrisos, abrihantando mil e uma emoções!

Vários elementos compõem minha festividade, como a calunga, uma boneca de cera que carrega muita cultura. Nela, os membros de cada Nação representam suas antigas rainhas, carregando os



poderes de cada uma. Fiquei meio apagado por um tempo no século XX, mas nos anos 1990 alguns grupos me trouxeram à tona novamente, me espalhando nacionalmente. Movimentos e nações fizeram meu ritmo ressurgir nas festividades e na mídia, mesmo tirando a religiosidade do meu enredo, mas ainda com muita e muita alegria! Sou o Maracatu, ritmo envolvente que não respeitou os limites do Brasil! Já é sabido que americano, inglês, espanhol, alemão e até japonês já me ouviu! Nesses países existem grupos de Maracatu Nação, embalando minha percussão que faz tremer até o coração!

Agora, querido leitor, me dê licença, que tá na hora do tambor bater. Que Iemanjá ilumine o mar de nossas vidas e Oxalá esteja sempre com você!

Ennio Moretti





Lá vem o Frevo!



Os estandartes estão no alto, a sombrinha já está na mão. O saxofone e o trompete anunciam: vai começar a ebulição! E não há quem fique parado quando eu chego! Eu sou o Frevo, saí de Pernambuco para incendiar o Brasil inteiro. Relaxa, meu povo, essa sombrinha não é porque vem chuva não. Ela serve de enfeite e ajuda o dançarino na sua coreografia quando ele quase cai no chão. Essa minha energia contagia, faz até o mais tímido dos tímidos rebolar. E, quando menos se percebe, está jogado no meio do povo, com sorriso no rosto e braço no ar. Meu passo nasceu da Capoeira, luta praticada pelos escravos. Eles não podiam lutar na frente de seus Senhores, mas precisavam se defender. Por isso, misturavam os golpes à dança, com saltos, piruetas e muita criatividade. Hoje estou na boca, no coração e no pé do povo, independentemente de classe, cor ou idade! Meu nome vem da palavra “ferver” e meu ritmo é frenético, elétrico, te faz enlouquecer! Igual a mim no mundo? Não tem igual. Sou Patrimônio Cultural Imaterial. Então, ergam os braços, gritem e dancem quando a Vassourinha tocar! Deixem o Galo da Madrugada pela noite varar! Deixem o ritmo sem letras do frevo de rua escrever felicidade no seu coração! Vem escutar as marchinhas do frevo canção! Vem ver a marcha tocar no frevo de bloco! Só não perde tempo, meu amigo, e vem logo!

São milhões de pessoas que se encantam pelo meu jeito, e a cada ano os blocos arrastam mais foliões. Os limites de Pernambuco não foram capazes de me limitar. Pelo Brasil inteiro você pode me escutar. Rio, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Norte e até Brasília! Aqui na Capital sou tocado no Bloco do Galinho, que há 25 anos incendeia a Asa Sul com meu ritmo inconfundível! E de Norte a Sul eu causo rebulição em todo Brasil! Com rapidez, alegria, ginga, agitação e amor que até gringo se apaixonou quando viu!

Ennio Moretti



Eu sou o
samba!




“Eu sou o Samba, a voz do morro sou eu mesmo, sim Senhor! Quero mostrar ao mundo que tenho valor. Eu sou o Rei dos terreiros!”

Muito prazer, amigo leitor! Eu sou o Samba, mas não, eu não sou natural do Rio de Janeiro. Mas mesmo assim levo o nome do Brasil pro mundo inteiro! Eu não nasci, estreei no Século XIX no Recôncavo Baiano, terra grande e fértil, terra da capoeira e do povo africano. Aqui pra essas terras trouxeram escravos para trabalhar no meio da cana, que para se distraírem um pouco do batente faziam música, poesia, festa e dança! E o português dizia serem demoníacas as expressões dos Candomblés. Mas logo aqui? Baía de Todos os Santos, encantos e axés? Bom, pois é. Porém, na senzala, a “sambadeira” requebrava enquanto o povo cantava e o batuque não parava!

Tenho meus pés em duas tradições desse tal Recôncavo: a Capoeira e o Jongo. Daqui eu ganhei o formato de roda, as palmas e os batuques para me acompanhar. De Portugal eu tirei a viola, o pandeiro e a língua portuguesa para minha cara poder se espalhar! Em 1860, as violas começaram a tocar, as pernas iam de lá pra cá, e, de lá pra cá, o povo nunca parou de me cantar! Eu sou o Samba! Levo mais de um jeito comigo, posso ser tipo chula, posso ser corrido. Quando eu tô arretado, corrido, a mulherada já assume o meio da roda, e o povo todo canta comigo! Os solistas vão levando a melodia, dão letra e alma para a canção. E daqui a pouco o povo todo canta junto, numa só voz, num só coração! E a animação corre por toda a noite, com muito humor, muita alegria! E as histórias são declamadas, com muito amor, muita poesia! Posso ser também chula, e meu ritmo um pouco mais fraquinho. A morena pode vir dançar, mas agora é só no passinho, vem pra frente, vai pra trás, com pé perto do chão e quadril mexendo devagarinho. Vem também o poeta declamar seus sentimentos, enquanto os tambores estão em silêncio. Vem versar teu improvisado, vem fazer teu pé não ficar parado! Eu sou o samba, esse menino travesso, meio avexado!

E daqui da Bahia eu vi Dona Edith do Prato batendo talheres pro povo ficar extasiado! Vi também sua amiga, a mãe de Caetano e Bethânia, Dona Canô, que trouxe essas lindas figuras à vida, que nos berços do samba e da MPB cantaram todo seu amor! E essa terra era pouco pra minha grandeza, por isso fui logo desbravar novas fronteiras! E o negro escravo que saía da Bahia, me trazia na





palma e na língua, me tocava e cantava, me apresentava com toda a alegria! E eu sou o Samba! Nasci baiano, cresci no Rio de Janeiro. E, da terra do Cristo Redentor, fui apresentado para o mundo inteiro! O carioca me adotou, me deu visibilidade internacional. Se bem que, amigo leitor, minha primeira impressão aqui não foi muito legal. Por ser de origem negra, fui perseguido quando eu ia para os centros urbanos. Foi, então, que pro morro eu saí fugido. Lá ganhei carinho e muita ideia eu fui trocando. E de mim falavam muito mal. “Imoral, demoníaco, marginal”! Marginalizado, mas nunca parado, eu sou o Samba! Sou mais forte que preconceito, que jamais vai me deixar calado! E meu povo também não! Descemos do morro, mostramos nossa cara e combatemos todo tipo de opressão! Dali a pouco essa dança sem traje específico foi caindo nas graças do povo. Em 1916 foi gravado meu registro em um disco, a música “pelo telefone”, do Donga. Mas não se avexe, amigo leitor! Pode ficar tranquilo, que daqui a pouquinho ele mesmo te conta! Hoje eu tenho mil e uma formas e seguidores na casa dos milhões! A Bahia nunca me esqueceu. Tanto é que Dorival Caymmi, João Gilberto e Caetano Veloso me embalam em suas belas canções. No Rio, minha presença é ainda mais forte, com destaque pra Chiquinha Gonzaga, Pixinguinha, Noel Rosa, Cartola, Zeca Pagodinho e Dudu Nobre! Sou bem sociável, me misturo com vários gêneros musicais. Pode vir axé, choro, rap, funk, hip hop e até com o rock uma dupla a gente faz! Tenho vários filhos, mas o pagode é um dos principais. Junto com eles a gente vai sambando, alegrando todos os Carnavais!

E aí, leitor, viu como foi duro meu caminho? Mas olha, resiliência é a minha palavra e o infinito é o meu destino! Pra parar meu chocalho, meu berimbau, minhas palmas e meu pessoal precisa de muito mais que corda bamba. Amigos e amigas, eu sou o Samba!

Eu sou o Samba, sou o melhor remédio contra o desanimado! Sou a ginga do passista e o ritmo do apressado! Sou grande, sou alegre, descomunal. Sou quem embala o maior espetáculo da Terra: o Carnaval! Sou do preto, sou do branco, sou verde, amarelo e azul anil! Sou filho desse berço abençoado, sou filho do Brasil!

Ennio Moretti



Chiquinha Gonzaga e as marchinhas



“Ó abre alas que eu quero passar! Ó abre alas que eu quero passar!”. O Carnaval abriu alas para eu contar minha história! Bem, então vamos lá! Mais um conto divertido para se ler e se escutar. Meu nome é Chiquinha Gonzaga, prazer maior em conhecê-lo para mim não há! Pois vou contar a minha história e as marchinhas cantar. Nasci carioca, filha de homem rico! Meu pai era tenente, um pouco brincalhão e um tanto excêntrico! Minha mãe era Rosa, mulher humilde, andava meio largada como cabide velho em armário novo, o que me fazia sentir um certo desconforto. Tive uma criação delicada, como a de uma princesa, aprendi a bordar e sentir a beleza, mas sempre fui mais atraída ao dó, ré, mi. Agradeço a todos que me ensinaram a tocar, especialmente o piano, sempre bem temperado. E lá fui eu, seguindo a música, como quem persegue seu destino.

E, então, aconteceu. Comecei a compor e a dançar pelas ruas da minha terra, ruas mineiras, paulistas, cariocas e nortistas, enfim, brasileiras! Sou uma mulher forte, dona de mim mesma, como poderiam querer que eu me acomodasse a um manequim? Queriam que eu fosse coroinha, quietinha, sabe como é, né, ajeitadinha... E o que eu fiz? Escrevi e lancei a primeira marchinha! “Ó abre alas que eu quero passar” foi meu hino, meu grito de liberdade, meu jeito de enfrentar o mito de que as mulheres só podiam casar, lavar e ficar na cozinha como um pé de palmito.

Minha vida, você sabe, sempre andou nas ruas, o piano era arma, a música, minha luta. Com a marchinha acabei sendo personagem nessa história, esculpida na memória do nosso Carnaval. Isso é sensacional! Participar de um vendaval de alegria assim não é para poucos, como se pode ver é para todos. Quer folia mais especial? Muitas outras marchinhas me seguiram: a debochada “mamãe eu quero, mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar!”, a eufórica “Maria Sapatão”, a brincalhona “Olha a cabeleira do Zezé” e a cômica “Me dá um dinheiro aí”. Todas elas me animaram como se eu fosse uma criança em samba de roda na Bahia.

E quem diria? Elas dividiram espaço com sambistas! Juntos, eles sacudiam todos até ficarem com as pernas bambas, contagiando quem passava por ali, com letras comoventes e maliciosas, escritas por uma gente de bem com a vida!



E assim, um ritmo alegre, dançante e que unia tanta gente foi crescendo e pintando a cara do nosso pai Carnaval, fazendo surgir um dos seus filhos mais queridos, o Carnaval Carioca! E ele, grandioso como é, merece ser contado por um dos seus membros mais antigos. Seu nome é Donga, filho do samba, dono da primeira gravação carnavalesca tocada no rádio, um sucesso estrondoso! Agora, sem mais delongas, vou deixar ele contar sua parte nessa história, enquanto junto minhas notas e despeço-me cantando meu enredo: “Ó abre alas que eu quero passar!” ...

Rafael Falleiros





Donga e o samba



Lembro-me do jornalista no meu primeiro show: “O sambista Donga se prepara para cantar sua música “Pelo Telefone”. Ele se aproxima do microfone e se lança: *‘O chefe da folia pelo telefone manda me avisar, que com alegria não se questione para se brincar (...)’*”.

Alô, quem fala? Aqui quem fala é o Ernesto, o Donga! Aquele mesmo, do Rio de Janeiro, que a nossa amiga Chiquinha já comentou. Estou ligando para dizer umas palavras sobre o samba. Eu e meus colegas da música fomos uns dos primeiros a popularizar esse ritmo tão gostoso e caloroso. Certo dia recebi uma carta de uma rádio e me disseram que minha música “Pelo Telefone” seria gravada em um disco. Imaginem como eu fiquei: a mil. Meu amigo, Baiano, foi lá e soltou sua voz no estúdio por mim. Nossos corações batiam no ritmo de cada batuque do tambor, a cada sabor que os pés sentiam em contato com o chão, uma dança ritmada e contagiosa, embalada pelas cordas dos violões e cavaquinhos e pela percussão dos reco-reco, tamborins, cuícas, agogôs e tudo que há de melhor nesse som maravilhoso.

Entretanto, eu não vim sozinho. Meu samba foi forjado por muitos homens antes de mim. Começou com os negros vindos da África, que trouxeram sua cultura e seus ritmos peculiares, como o baticum, que aos poucos foi influenciando, junto com outros ritmos, o Samba Carioca e, além disso, toda a cultura brasileira. Assim, a música africana invadiu o Brasil para ganhar novas formas. Olha que curioso. Para nossos amigos angolanos, esse ritmo era tão intenso que o samba para eles e para os congueses, recém-chegados ao Brasil, era uma espécie de dança em que um dançarino bate contra o peito do outro. Amigo, o samba é luta, é improviso, ritmo e harmonia convivendo em sintonia. É uma dança torta que se endireita onde as notas se encaixam, é a criatividade a pleno vapor.

Pensa que acabou? Ainda teve muita água para passar nesse Rio. Depois que a escravidão foi abolida, milhões deles começaram a migrar do Nordeste, onde estavam em maior número. Em seguida, foram para o Rio de Janeiro, para São Paulo e para todo o Brasil, que se embebeu com a maravilha que era a cultura daquele povo sofrido, mas que não se cansava de lutar. E o samba, para onde foi, eu pergunto? O samba, esse guerreiro, invadiu os morros, os costumes, as mentes e os corações. Você, leitor, se me perguntasse



como entrei nessa história, vou dizer. Eu tinha uma amiga, a sambista Tia Ciata, que abrigou na sua casa minha pessoa e vários outros sambistas. Foi lá que eu e meu compadre e cantor, Mauro de Almeida, compusemos esse famoso “Pelo Telefone”, inaugurando, com isso, esse gênero musical que se tornou tão popular e Patrimônio Cultural Imaterial, o Samba Carioca.

Portanto, esse grupo formado por Tia Ciata, eu – e os igualmente geniais músicos da época como Baiano, Sinhô, João da Mata, Germano Lopes e vários outros – juntos esquentamos o Carnaval com nosso samba nas ruas, avenidas e passarelas!

E foi assim, meu amigo, que o samba abriu alas em nossa cultura musical, graças às marchinhas que ganharam fama com nossa querida Chiquinha, fazendo com que o Carnaval, nosso velho pai, se tornasse mais conhecido e democrático. O improviso, a descontração do samba, a alegria e a agitação das marchinhas ganharam espaço na mídia e participação de todo o povo.

Violões, cavaquinhos, reco-recos, bandolins, pandeiros e tamborins são os pincéis que, na mão dos sambistas, criaram essa pintura maravilhosa que é a cara do Carnaval, a cara da alegria. Isso tudo vem do poder de juntar tantas pessoas tão diferentes em uma única intenção: celebrar a nossa vida. E é com satisfação que eu me despeço de você, caro leitor. Agora, vou pegar meu violão e mais uma vez, anunciar: *“O chefe da folia pelo telefone manda me avisar, que com alegria não se questione para se brincar”*.

Rafael Falleiros





O Carnaval
Carioca e o
Samba, uma
combinação
que deu certo



Uma carta do Carnaval Carioca.

Sambódromo, berço da minha euforia, janeiro de 2017.

Vazio. Assisto em silêncio a dança dos vultos fantasiados do ano passado ainda contagiando aquele imenso altar do samba. Deitado sobre esse palco festivo e tentando espantar a ansiedade, aguardo o meu grande momento e me lembro de tudo que fizemos para chegar aqui. Foram bailes, entrudos, chegaram os africanos, a Chiquinha e o Donga. Enfim, todos se contagiaram da energia que meu pai Carnaval lhes deu e, graças a eles, estou aqui. Falta menos de um mês para que eu volte a presenciar a face da genuína alegria tão de perto mais uma vez.


Deixe eu me apresentar, amigo. Meu nome é Carnaval Carioca. Sou a evolução daquele primeiro personagem chamado Carnaval, que é meu pai. Vou tentar desfilas em palavras o que acontece na avenida. Vamos lá!

Começamos então pelo glorioso samba, que o Donga já deu uma bela pincelada para você. Esse ritmo jovem e contagiante é tão importante para mim que meu palco mais famoso leva o seu nome, Sambódromo. Você percebe a dimensão que ele teve na minha vida? E mais, depois de Donga, o samba ganhou diferentes estilos e modos de composição. Ele era dividido em: Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo. Deixa eu te mostrar algumas diferenças entre eles.

Antes de mais nada, repare como o samba passou a ter importância. Os sambistas agora são mais que um grupo, mais que uma roda de samba. Agora eles são uma escola, onde o samba é um movimento de corpo, um corpo profissional, nos morros, nas vielas, em toda a cidade.

O Partido Alto é um samba magnífico! Começou como um ritmo para se dançar batucando o chão. Era uma espécie de passo que o sambista dava. Era a chamada “chula”. Mas depois ficou tudo mais emocionante. Os cantores com os seus refrãos, passaram a fazer o papel de guia para outros sambistas. Eles improvisavam em cima de um tema que era sugerido. Isso mesmo, eram grupos





reunidos em uma espécie competição muito animada. Eles se desafiavam com versos e canções, sempre com um sorriso no rosto e a amizade no peito.

Teve um estilo que invadiu completamente minha cena. Foi concebido para dar rumo e criar uma história nos espetáculos. Esse é o Samba-Enredo, que se juntou a mim numa parceria que dura o ano inteiro, pois emprega muita gente para me botar na avenida. Sua história começou parecida com a do Partido Alto, mas a diferença é que era focada nos desfiles e nos enredos de cada escola a desfilar naquele ano. Era a mesma estrutura: refrão e improvisação. Entretanto, a passarela do samba passou a ser mais comercial, exigindo uma maior elaboração nos versos e uma execução que beirasse a perfeição. Foi isso que consagrou esse estilo. Agora estava mais claro como cada escola deveria apresentar suas intenções. O principal era ver o samba na boca do público. Era isso que importava, contagiar.

Agora é a hora do Samba de Terreiro, um antigo movimento nas passarelas. Para conseguir entendê-lo, imagine que o Carnaval acabou ontem. Logo em seguida, as escolas ganhadoras e perdedoras já iniciam novas estratégias para ganharem o ano seguinte. Na década de 1930, antes mesmo das quadras cimentadas existirem, os sambistas ensaiavam no chão de terra batida e criavam seu samba por lá mesmo, por isso o nome Samba de Terreiro. Ele seguia o método Partido Alto: refrão e improvisação por cima. A diferença era que ele era apresentado ao final do desfile da escola, como um desfecho do espetáculo. Porém, novamente pelo processo de comercialização dos desfiles, esse estilo perdeu espaço porque, além de ser improvisado, ele cobria assuntos diversos da própria comunidade e não um tema central da escola em si, tirando, assim, o foco do enredo proposto.

Ufa! Muita coisa, não é? Pois é, mas o Samba merece. Ele dá o ritmo, a coreografia rege o espetáculo e a bateria é uma sensação à parte, uma explosão de energia que ressuscita qualquer um.

No entanto, ele não é o único. Como falei antes, as marchinhas, os foliões, os instrumentistas, os coreógrafos, os produtores, os costureiros, todos são importantes nessa fábrica de euforia.

E isso eu estou falando só do desfile, hein?! Ainda temos os blocos de rua. Milhões de pessoas se unindo como se o tempo não tivesse passado, como se fôssemos aqueles gregos unidos nessa festa universal e democrática. Dançar, rir, festejar é para qualquer um, pois nessa alegria todos são realmente iguais. Cada um tem seu motivo e seu ritmo, mas todos têm um coração batendo na avenida, ansioso pelo próximo Carnaval.

Apesar das dificuldades e de alguns queridos amigos já terem partido, continuo forte. Sigo em frente. Estou sempre evoluindo nessa avenida. Conheci até um compadre novo, o pagode, filho caçula do meu querido samba. Um menino que pretende levar o anel de bamba para mais um Carnaval e tentar manter a honra e orgulho do seu pai. Esse é o espírito: lembrar da história, honrá-la e dar espaço ao novo para desfilar e fazer bonito.

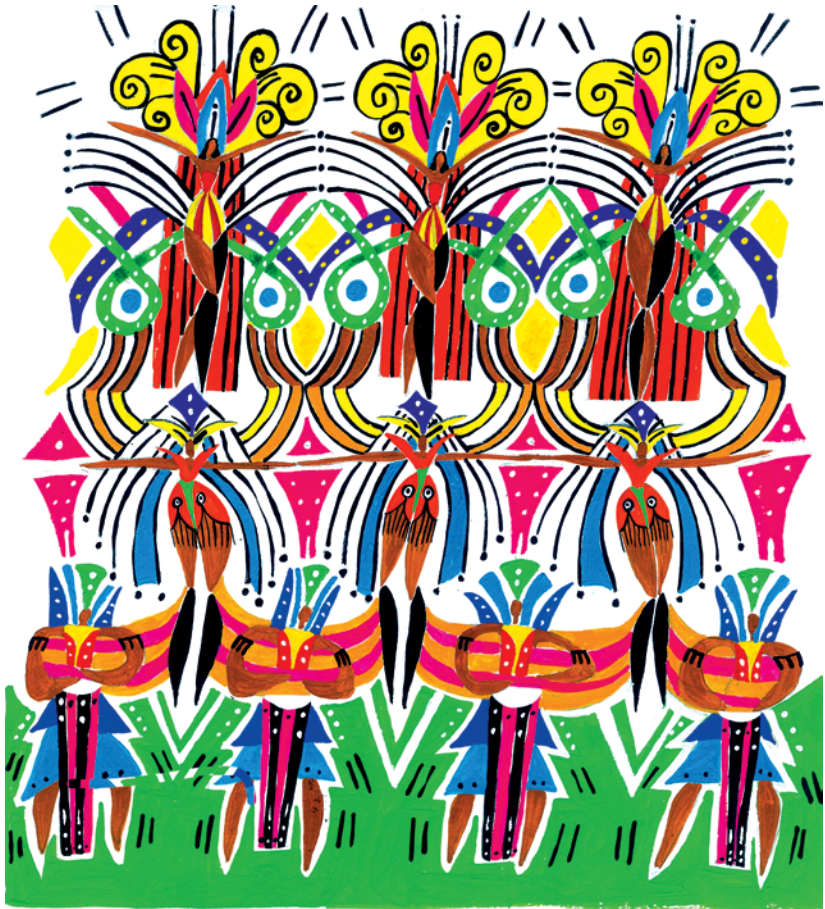
Assinado,

Carnaval Carioca.

Rafael Falleiros



Mas e Brasília?



Mas e depois de ler tudo isso sobre o Carnaval, não faltou falar um pouco sobre a nossa capital? O centro do poder de uma grande nação nas mãos de uma cidade ainda moça, de apenas 56 anos de idade, de arquitetura modernista, com uma mistura louca formando essa sociedade. Mas e aí, caro leitor, tem carnaval nessa cidade?

Tem. E muito!

Desde 1961, a capital tem o prazer de ser a cidade da Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (ARUC), que lá do Cruzeiro contagia o DF inteiro com seu batuque! E essa linda associação não se contenta em apenas ser a maior campeã dos Carnavais, ela também coleciona medalhas nos esportes e proporciona à comunidade diversos eventos culturais! É ou não é demais? De mentes geniais de amigos cariocas, trouxeram para a ARUC, além de uma ideia, o azul e o branco de sua madrinha Portela! E de lá pra cá, o gavião nunca parou de voar! Em 2009, quando o GDF concedeu à ARUC o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Distrito Federal, a hegemonia dessa escola foi reconhecida formalmente por todo Planalto Central. Mas também pudera, pois se trata da maior campeã de carnavais do Brasil! 31 títulos que nem a ARUC, meu amigo? Nunca ninguém conseguiu!

Mas não só de samba-enredo na avenida sobrevive o Carnaval de Brasília! As comerciais, os setores, os eixos e qualquer rua tornam-se palco de muita folia! E aqui tem espaço para todo mundo, tanto pra Baratoná, quanto pra Baratinha! Aliás, esse ano nossa capital está dando um show de inclusão social. O Bloquinho Bom Para Todos é adaptado às crianças com autismo e síndrome de Down, colocando-as para também curtir toda essa energia, que só existe no nosso Carnaval! Mas nem só de novos blocos vivem os moradores desse quadrado, que misturando a cultura de vários estados vai escrevendo o seu caminho. E, por meio de entrelinhas nas entrequadradas e pilotis, são construídas as tradições de um povo muito apaixonado, festivo e feliz! Como não só de alegrias vive um cidadão, as suas indignações com a política tornam-se marchinhas e sátiras no tradicional Pacotão! Desde a década de 1970, esse bloco transforma o nosso avião num foguete, onde, segundo os organizadores, “A ordem é, simplesmente, baixar o cassete”!



Aqui na capital, Pernambuco também conseguiu contagiar, o chão pega fogo e junto do Galinho de Brasília a multidão pode “frevar”! A saudade de sua terra e o Galo da Madrugada inspiraram um grupo de amigos a montar esse bloco que hoje arrasta a massa! São mais de 100 mil foliões arrastados pelo ritmo contagiante da vassourinha, que há 25 anos transforma em Pernambuco a Asa Sul todinha! Outro que gosta desse ritmo quente é o Menino de Ceilândia, bloco criado em 1995 pra quem curte a magia do Frevo e também a sua dança! E a cultura do Nordeste aqui no DF é imensa, e não pode se acanhar. Há 22 anos um grupo de artistas criou o Bloco Dramático, Recreativo e Carnavalesco Mamãe Taguá, que busca, por meio da arte e da irreverência, a cultura do Carnaval de rua resgatar, botando todos os “filhos da mãe” pra dançar! O grupo cultural Àsé Dudu tem como intuito difundir no Carnaval a cultura afro-brasileira, por meio do samba, do axé, do hip-hop e da capoeira! Mas e aí, leitor, já tá maneiro? Relaxa aí, meu amigo, ainda tem o Raparigueiros! Com toda a irreverência, esse bloco incendeia com axé as pistas do Eixão – é há 25 anos um dos blocos mais numerosos e que carrega com muita alegria toda essa tradição!

Ufa, quantos blocos, né? E esses são só os mais tradicionais! A nossa cidade tem mais de 200 eventos carnavalescos e a cada ano cresce ainda mais! E ainda tem gente que ousa dizer que aqui o Carnaval é chato, que não tem o que fazer, que pega um avião para outro lugar pra poder curtir. Ô, véi, pera aí! Nessa cidade de pôr do sol único, do centro dos três poderes, dos ipês, flores, frutos e prazeres, que por mais planejada, cartesiana, nada parece ser tão igual, até Eduardo e Mônica pularam Carnaval!

Ennio Moretti



